

# REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO CULTURAL NA INFÂNCIA

MÜZEL, Andrei Alberto

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

Professor Mestrando (UNISO)

## RESUMO

Para a composição do presente artigo pautamo-nos em estudos contemporâneos acerca da infância. A criança é observada e revelada em suas formas de sociabilidade e seu diálogo com a cultura adulta, com o seu meio social irrestrito. Nesse sentido, mais uma vez nos posicionamos no campo da sociologia da infância ostentando a autonomia primordial da criança enquanto elemento principal para produção cultural. A criança bem como sua produção, na dimensão dos estudos de suas relações sociais devem ser encontradas e aprofundadas em si mesmas. A adoção de uma postura que investiga a produção cultural na infância no presente considerando o que a criança é no seu tempo, e não no seu futuro como adultas, pela própria voz, e não apenas por meio daquilo que os adultos dizem dela é um parâmetro que deve ser compreendido é a base que dá sustento a esse estudo.

**Palavras-chaves:** Produção Cultural na Infância, Culturas Infantis.

## ABSTRACT

For the composition of this article pautamo us in contemporary studies of childhood. The child is seen and revealed in its forms of sociability and its dialogue with the adult culture, with their social unrestricted. In this sense, once again we stand in the sociology of childhood sporting autonomy of the child as paramount main element for cultural production. The child and its production, the size of the studies of their social relations should be deepened and found themselves. The adoption of an approach that investigates the cultural production in childhood in this considering what the child is in his time, and not in their future as adults, by his own voice, and not just by what adults say it is a parameter that must be understood is the foundation that gives support to this study.

**Keywords:** Cultural Production in Infancy, Childhood Cultures.

## 1.INTRODUÇÃO

A criança no espaço escola: é no presente contexto que sustentamos a criança como produtora de cultura, sujeito social que deve estar atrelado às mais diversas práticas de diálogos que promovem a expressão por meio de diversas linguagens próprias desta idade. É neste viés que queremos buscar a percepção da Comunicação como um evento social. Evento que ao passarmos efetivamente por ele jamais sairemos ilesos (MARCONDES, 2008). Refletimos a criança ativa no campo da comunicação percebendo-a não como mera reprodutora de elementos culturais. Em todo processo de troca e partilha, a criança, ao se comunicar, concebe seu espaço de própria produção cultural, como sujeitos ativos e criadores, que reconstroem, compõem novos significados, reconstroem produtos, ideias, valores, atitudes, manifestações, roteiros, momentos, de forma peculiar.

Para embasar nosso estudo, buscamos uma postura reflexiva que valoriza as crianças como sujeitos ativos e produtoras de cultura. Crianças que muitas vezes

ainda submissas a posturas arbitrárias, que muitas vezes classificadas em realidades econômicas, nos mostram a Infância de fato como uma perspectiva. O que não deixa de ser um campo de perspectiva para a criação e para a liberdade de escolhas potencializando um crucial exercício de diálogo.

## **2.PRODUÇÃO CULTURAL NA INFÂNCIA E CULTURAS INFANTIS**

Ao falarmos em Produção Cultural na Infância, necessariamente precisamos destacar a cultura e a produção cultural para as crianças, segundo Perrotti (1990). Segundo o autor, às vezes é possível um equívoco com relação a esses termos. O ato de conceber a cultura e reduzi-la apenas como um resultado de um processo muitas vezes é comum. Como exemplo poderíamos destacar as danças escolares que servem de ilustrações para datas comemorativas e são simplesmente encaradas como cultura. Neste caso, somos chamados a pensar a Produção Cultural na Infância como um processo provido de relações sociais e seus significados (PERROTTI, 1990).

Neste sentido, o autor nos alerta para o cuidado com uma prática fetichizada. A produção cultural não pode ser resumida a um produto dado e concluído e que se auto justifica, porém, a concepção e construção de qualquer produto deve ter passado por processos de ações e reflexões. Processos formadores de sujeitos que agiram ativamente nesse dinamismo e produtos que desencadearão novos processos e novas reflexões.

Quando as crianças chegam ao espaço escolar não chegam vazias. Crianças são sujeitos da infância que apresentam com honestidade seus elementos significativos. Observamos que as crianças já carregam naturalmente muitos elementos das culturas infantis. As culturas infantis são constituídas por um conjunto de formas, significados, objetos, artefatos que conferem modos de compreensão simbólica sobre o mundo. Ou seja, brinquedos, brincadeiras, músicas e histórias que expressam o olhar infantil, olhar construído no processo histórico de diferenciação do adulto. Assim, a criança passa a ser um sujeito que (in) dependerá das condições, promoções e intervenções oferecidas por adultos. Adultos muitas vezes que negam às crianças o conhecimento de seus direitos de intervir nos processos sócio culturais enquanto sujeitos (PERROTTI, 1990).

A forma de entender a cultura como um produto acabado a ser transmitido para a criança apenas reforça um processo onde as coisas passam a ter vida e as pessoas a serem vistas como coisas. O que não deve ser feito é reduzir a cultura aos produtos que realiza, deixando-se de lado o modo e as relações de produção como o próprio produtor (PERROTTI, 1990, p. 16).

Perrotti (1990) nos apresenta esclarecimentos sobre as visões adultocêntricas sobre a criança. Para tal esclarecimento encontramos em destaque a ideologia dominante que fortalece a visão da criança como elemento culturalmente passivo. Encontramos a explicação para a visão de negação da criança enquanto produtora de cultura, que determina e classifica os sujeitos de acordo com o grau de envolvimento que cada um mantém com a produção. “Daí a sociedade capitalista privilegiar o adulto, pois ele pode ser mais ‘produtivo’ que a criança, dentro do modo como está organizada a produção” (p.18).

Ainda de acordo com Perrotti (1990) as crianças enquanto brincam constroem seus universos imaginários se apropriando dos mais variados temas resignificando suas realidades. Criar roteiros para brincadeiras, transformar objetos, assumir singularidades em sua linguagem verbal e escrita, na transmissão e elaboração de regras, na movimentação física que aprimoram, nas músicas que entoam, nas canções que transformam, no modo como se organizam, nos relatos de suas vivências, embora não sejam “produtivas” no sentido capitalista da palavra, se firmam como sujeitos produtores e pertencentes a uma determinada cultura, na qual compartilham com seus pares os seus saberes, ações e constroem suas identidades.

A desafiadora tarefa nos leva repensar a dimensão educativa bem como sociológica capaz de promover e sustentar eixos para reflexões: a) se as crianças são reconhecidas como sujeitos ativos; b) como são reconhecidas no processo de sujeitos que se comunicam e produzem cultura; c) qual a concepção de infância assumida; d) quem são os adultos que assumem as relações de significados com as crianças; e) quais condições de esclarecimento e formação que os adultos que se relacionam com as crianças trazem; f) como as perspectivas em envolver as crianças como participantes na produção cultural se edificam. Com certeza tais reflexões são complexas. Assumir tais reflexões implica romper com noções de

poder unilaterais entre adultos e crianças e criar contextos de relação capazes de lhes permitir fazerem ouvir as suas vozes e serem escutadas.

Neste sentido, Sarmiento (2004) escreve que a relação particular que as crianças estabelecem com a linguagem, por meio da aquisição e aprendizagem dos códigos que plasmam e configuram o real e da sua utilização criativa, constitui a base da especificidade das culturas infantis. Assim, importa enfatizar que as crianças vivem em uma sociedade que produz culturas, convivendo e interagindo com suas várias facetas – que denominaremos cultura geral.

Diante da afirmação “as culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância; este universo não é fechado, pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável, nem lhes é alheio a reflexibilidade social global” (SARMENTO, 2004), salientamos também que as crianças são produtoras de elementos culturais próprios (que contemplam a especificidade da infância), quando percebemos seu modo de relação com a cultura representada pelo adulto. O que percebemos é que os mais variados grupos de crianças, ao produzir cultura, não as fazem no vazio social, pois não possuem uma autonomia integral no processo de socialização para sua formação. Assim, o espaço escola deve ser encarado como um “espaço privilegiado para as sociabilidades humanas, espaço fértil das culturas como produção e produto, como equilíbrio e conflito, como trama e textura do social.” (GUSMÃO, 1999, p. 8).

Com a finalidade de avançarmos em nossa reflexão, ao falamos sobre a Produção Cultural da Infância, objeto de estudo do qual tratamos, evidentemente nos deparamos com uma questão que deve ser esclarecida. A questão que permeia tal objeto: produção cultural para as crianças ou das crianças? A produção cultural na infância estudada no campo da comunicação que valoriza a criança como sujeito ativo no processo de formação e socialização cria um campo de complexidade, pois entendemos que, apesar de ocorrer a distinção naquilo que é produzido para as crianças, e aquilo que é produzido pelas crianças, de fato não vigora se não existir uma interdependência entre ambas como exercício de significações. Pois, quer a cultura escolar, quer os produtos do mercado para as crianças, só se conseguem transmitir e difundir de modo sucedido quando se compatibilizam com as condições específicas de recepção pelas crianças (SARMENTO, 2002). Neste sentido, trataremos sobre a produção cultural para as crianças e das crianças, estudos que mais adiante sustentarão nossa pesquisa de campo.

### 3. A PRODUÇÃO CULTURAL PARA AS CRIANÇAS

É no vai-vém entre culturas geradas, conduzidas e dirigidas para as crianças e culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância (SARMENTO, 2004, p. 5).

Com a afirmação de Sarmiento (2004) percebemos que o autor apresenta duas instâncias com relação ao processo de cultura explicitando a cultura da infância. Tanto uma como outra se referem aquilo que é ofertado à criança e que também são elementos no campo da produção cultural na infância.

A primeira instância apresentada pelo autor é denominada como “culturas geradas” conceito que definimos para sustentar nossa reflexão sobre a produção cultural para as crianças. Por culturas geradas podemos perceber de modo fortuito a presença da figura do adulto. As formas culturais que tem concentração nas intervenções diretas dos adultos são culturas geradas com características do arbítrio cultural.

Para explicitar ainda mais, encontramos em Corsaro (1997) uma subdivisão sobre as culturas geradas. Na abordagem desse autor denominada “cultura de pares infantis” encontramos a “cultura simbólica da infância”: constituída pelos media, a literatura infantil, as lendas e figuras mitológicas; e encontramos também a “cultura material da infância”, constituída por roupa, livros, ferramentas artísticas e literárias e brinquedos.

Para tal subdivisão, Sarmiento (1997) alerta sobre a necessidade de analisá-las com cuidado. A fusão de elementos simbólicos e materiais é indissociável. Há uma “materialidade” no simbólico e uma incorporação simbólica da “cultura material” (SARMENTO, 2002, p. 6).

Apesar das distinções apresentadas por Sarmiento (2002) e das subdivisões explicitadas por Corsaro (1997), podemos perceber que os autores de modo geral se convergem numa análise mais apurada sobre as “culturas geradas”.

Um ponto que fica evidente nesse aprofundamento está ligado ao pensamento sobre o que é produzido às crianças pelo mercado. A ação mercadológica está presente para além da cultura escolar configurando a indústria cultural na infância.

A discussão ganha corpo ao trazermos esses dois processos: “culturas geradas” e “cultura escolar”. É evidente que a ação mercadológica jamais tratará as crianças como agentes passivos de consumo. Cada vez mais percebemos a entrada de novos produtos, brinquedos, jogos eletrônicos entre outros no cotidiano das crianças. A Infância também é marcada como campo de ação capitalista. Por outro lado, nem sempre o espaço escola está preparado para tratar com a questão sobre aquilo que é gerado às crianças no sentido de mercado e consumo. O paradoxo está esclarecido. De um lado temos a indústria também considerada como via de produção cultural para as crianças agindo em alta velocidade e grande escala. Do outro temos a escola, evidentemente como instituição social de produção cultural para as crianças não se entendendo como espaço de produção cultural, alienando-se, “deixando inquestionada a própria natureza e conteúdos da cultura escolar” (CHARLOT, 2000).

Com relação as “cultura geradas” no sentido de mercado é importante perceber que trazemos a figura do adulto como responsável por apresentar ou viabilizar os diferentes tipos de produtos às crianças. Trazer o adulto numa condição de omissão com relação ao que é oferecido à criança não é um condutor para discussão. O que pretendemos aqui é fazer esclarecimentos sobre a Produção Cultural na Infância e ao pensarmos em “culturas geradas” acreditamos que é impossível e nem se deve ignorar tal processo, porém, o adulto que apresentará e viabilizará elementos culturais às crianças – pelo menos no espaço escola – deve assumir o exercício de esclarecimentos sobre os mesmos.

Indagar sobre a experiência da infância no mundo de hoje implica em um olhar crítico sobre as representações da criança na mídia e sobre os modos como adultos e crianças interagem com a cultura do consumo, a tecnológica e a velocidade com que as informações circulam, redefinindo não apenas as relações entre as pessoas, mas também uma nova cultura lúdica (SOUZA e SALGADO, 2009, p. 207).

É evidente que a indústria cultural com seus variados produtos para à infância não poupa esforços em analisar e atender às culturas infantis com a sua grande finalidade de expansão comercial e aumento de lucro, fato que a própria sociologia da infância preocupa-se em analisar, pois tal ação é essencial à compreensão da

própria infância. Portanto, como nos alerta Souza e Salgado (2009) a análise da recepção pelas crianças e pelos adultos é fundamental.

Os produtos culturais na perspectiva mercadológica estão cada vez mais presentes na vida das crianças sendo a televisão um meio de comunicação persuasivo na difusão de ideias mercadológicas. Apesar de parecer uma observação óbvia, o que é preciso esclarecer é que a televisão é um meio fundamental para simplificar a complexa relações de mídia e consumo diante da internet. Pensando assim, percebemos que os meios de comunicação no cotidiano das crianças devem ser mais analisados numa prática de “culturas geradas” (GIARDELLO E OROFINO, 2002).

Em suma, a compreensão das culturas da infância só poderá ser feita na conjugação da análise da produção das formas culturais para a infância como recepção efetiva dessas formas pelas crianças. Mas, além disso, essa compreensão não pode deixar igualmente de pôr em relevo aquilo que são as formas culturais autônomas geradas pelas crianças nas suas interações e nas interações com os adultos e com a natureza, e que as caracterizam não apenas como fruidores, mas como criadores culturais (SARMENTO, 2004, p. 7).

O que julgamos importante destacar sobre as “culturas geradas” é a certeza de que elas não simplesmente existem, mas que alcançam de fato seja de modo direto ou indireto crianças mas também adultos. Às “culturas geradas” não devem caber críticas ou pensamentos sintetizados com facilidades no sentido de condenar a velocidade com que o mercado vem invadindo o cotidiano das crianças. Adultos e crianças não deixam de se encontrar nesse processo só porque os elementos culturais tipicamente estruturados cheguem com maior facilidade nas mãos de nossas crianças. Pensamos que toda “cultura gerada” ao ser de fato entendida como cultura se faz como um potente fragmento da produção cultural na infância.

#### **4. A PRODUÇÃO CULTURAL PELAS CRIANÇAS**

Recorremos agora à segunda instância com relação a produção cultural na infância denominada “culturas constituídas” (SARMENTO, 2004). Com relação as “culturas constituídas” percebemos que as mesmas se tornam existentes a partir das relações entre crianças e também adultos. Pensamos agora a produção cultural na infância trazendo a figura da criança como sujeito ativo, responsável

direto no processo de práticas sociais que sustentam sua cultura. Neste aspecto, devemos retomar três pontos importantes: a) a criança que se comunica, considerando a inter-relação da criança com o meio social em que está inserida; b) a autonomia como exercício primordial da criança, elemento principal para produção cultural; c) a adoção adequada de uma postura que investiga a produção cultural na infância no presente e não que pensa a criança como um ser futuro. Retomar esses três pontos é um exercício importante para assumir a consciência que se tornará prática de credibilidade à criança como ser capaz de produzir cultura, os quais queremos fortalecer e assumir como princípios para as “culturas constituídas”.

Evidentemente que muitas são as relações entre as crianças geradoras de cultura. Quando falamos em relações entre crianças não excluimos aqui a figura do adulto e nem o colocamos em segundo plano. A criança, para o processo de “culturas constituídas” é entendida como sujeito de importância, o centro, mas o adulto não deixa de ter um papel fundamental, pois ele tem o privilégio de perceber, promover e intervir em tais relações. Podemos dizer que o que cabe nesse momento ao adulto para que o seu papel tenha importância nesse processo de relações significativas é acreditar que a criança é um sujeito produtor de cultura valorizando a cultura gerada também por ele. Com relação a Produção Cultural na Infância, percebemos que ela é feita por crianças e por todos que estão direta ou indiretamente ligados as crianças. Nessa produção, ao adulto cabe o esclarecimento sobre o que as crianças já produzem numa perspectiva do que ainda podem produzir retratando assim um avanço social.

Para Sarmiento (2004), as produções culturais infantis estão primordialmente sustentadas nos jogos e brincadeiras. O autor apresenta os jogos e brincadeiras como uma comunicação intrageracional, isto é, atividade que dispensa a intervenção direta e excessiva do adulto. O autor ainda revela os jogos e as brincadeiras como “culturas constituídas” por ser atualmente um patrimônio preservado e transmitido por crianças. “Mas integram também as culturas das infância modos específicos de significação e de uso da linguagem que desenvolvem especialmente no âmbito das relações de pares e que são distintos dos processos adultos” (SARMENTO, 2002, p. 7).

Com relação às produções culturais na infância temos como resultado as culturas da infância, termos que já diferenciamos em outro momento. No tocante, o que percebemos é que a interação de pares, no caso adultos e crianças, surgem



mútuos reflexos e assim a produção cultural na infância também se dá pela ação adulta. A “cultura constituída” é amplamente carregada de valores e processos destacando-se diferentemente dos produtos da indústria da infância, mas não significa que não tenham ligações. Os produtos culturais da indústria, as “culturas geradas”, carregam valores que estão de acordo com a atratividade para a criança e ao chegar às mãos e nas relações entre as crianças receberão determinados valores e significados. Já, no caso das “culturas constituídas”, essas se compõem de valores e significados, neste caso a cultura pode ser vista como um processo contínuo e infinito que se faz no presente.

O que é importante ressaltar é que as “culturas constituídas” e as “culturas geradas” se cruzam compondo assim um quadro complexo da inserção da criança como produtora de cultura. As culturas da infância, geridas no campo da Produção Cultural na Infância, encontram-se numa dinâmica de entrecruzamentos, estabelecidas numa ação de convergência dos mais diferentes fatores: nas relações desiguais de classe, de gênero, de etnia, de espaço entre outros. “Esta convergência ocorre na ação concreta de cada criança, nas condições sociais (estruturais e simbólicas) que produzem a possibilidade da sua constituição como sujeito e ator social”, explicita Sarmiento (2004, p. 8).

## **5. CONSIDERAÇÕES**

Observamos que não é possível e nem seria adequado criar um mundo isolado para crianças e suas produções culturais como uma bifurcação entre adultos e crianças. Promover a Produção Cultural na Infância é considerar a inter-relação da criança com o meio social em que está inserida. Não podemos sustentar um paradigma sobre a existência das produções culturais infantis fielmente separadas do mundo cultural dos adultos, mas especificar o que está presente na relação entre as crianças (SARMENTO, 2004).

A Comunicação como campo capaz de solidificar este debate se torna cada vez mais esclarecido ao percebermos que defendemos a Produção Cultural na Infância, mas não ignoramos todos os meios do qual ela pode ser concebida. Com a afirmação de Sarmiento (2004) tomamos consciência dos eventos sociais, feitas por muitos sujeitos, como uma necessidade para o avanço e produção cultural.

Percebemos que é dessa interação é que a cultura se refaz e de fato de torna cultura.

Vivenciar o contato e conhecer as produções culturais das crianças que frequentam as Instituições de Educação Infantil é um desafio instigante e motivador. O desafio da escuta sensível da análise e diálogo como elemento crucial aqui defendido exige como princípio reconhecer o grupo de crianças e adultos em seu caráter não homogêneo, de maneira sensível para tornar visível a Produção Cultural na Infância.

## 6. REFERÊNCIAS

- CORSARO, William. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educ. Soc.* [online]. maio/ago. 1997.
- GIRARDELLO, Gilka. e OROFINO, Isabel. A Pesquisa de Recepção com Crianças. Anais do XI Encontro da COMPÓS – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2002.
- GOUVEA, Maria Cristina S. (Org.). Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
- MARCONDES, Ciro. *Para entender a comunicação. Contatos antecipados com a Nova Teoria*. São Paulo: Paulus, 2008.
- PERROTTI, Edmir. A Criança e a Produção Cultural: Apontamentos sobre o lugar da criança na cultura. In: ZILBERMANN, R. A produção cultural para a criança, 4.<sup>a</sup>ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.
- SARMENTO, Manuel. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In SARMENTO, M. J. e CERISARA, A. B. (orgs.). Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, ASA Editores, 2004.
- SOUZA, Solange Jobim & SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança na idade mídia. Reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: SARMENTO, Manoel &